

Bruno Resende

COLCHA DE RETALHOS
fragmentos de uma obra possível

EDITORA PENALUX
Guaratinguetá, 2023

PARTE 1: SERENDIPIDADE

“O impulso de tomar notas das coisas é peculiarmente compulsivo, inexplicável para quem dele não compartilha, é útil apenas de maneira acidental, secundária, da maneira como qualquer compulsão tenta se justificar.”

– *Joan Didion*, **Rastejando até Belém**: Sobre ter um caderno

Nas ladeiras do Pelô

“Se você quiser amar
Se você quiser amor
Vem comigo a Salvador
Para ouvir Iemanjá”

– Vinicius de Moraes e Baden Powell, *Canto de Iemanjá*

Nas ladeiras do Pelourinho, é o seguinte: ao descer o caminho mais óbvio, é parar ou seguir feito bobo. Adiante melhor não está, à esquerda e à direita as vielas vão dar em vielas iguais, nenhuma tão frequentada quanto essa, a central. Empoleirar-se com a benção de quais deuses baianos, sempre alhures e tão incertos, efeito místico que paira na atmosfera equatoriana, quanto mais alto no lajedo, mais rei no campo de visão, ó meu rei, que agora só olhe e esqueça os problemas da vida que chamam real (ali donde você veio). A geografia inclinada, numa perspectiva longitudinal, confirma, no entanto, sensações de um passado que nunca deixou de existir. Sun Tzu explica que será sempre vantagem estratégica ficar no lado mais alto de um terreno, com ampla vista em relação aos que vão mais abaixo. *C'est ça qu'il faut*. O turista é rei, ó, meu rei. Mas tal princípio só dura até que se prove o contrário, ou seja, que o cabra é um mão-de-vaca, então que vá procurar sua turma e deixe o posto de rei que assumiu na ladeira, dando espaço ao próximo. O corredor polonês do comércio é mais

ligeiro que *fast food*. Sente aí, fique à vontade, que a realeza vale o quanto paga. Europeu inocente com a carteira cheia e aberta, tanto mais quanto mais bêbado, merece atenção especial. Se for roubado no fim da noite, foi acerto de contas com o passado. Não há remédio do mato que cure a História, veja aí que todo o presente em volta, cada pedrinha no chão da ladeira, cada parede de adobe são um bocado daquilo que o passado deixou — como o edema de uma cicatriz.

Não sou rei nem candidato (pretendente de mulher casada, Homero chamava de “proco”), mas o ar da Bahia é realmente enfeitiçado, tanto mais sentado na ladeira impregnada de vício senhoril, é claro, quem não sabe que aqui perto espancavam os escravos em público? Por que diabos virou atração? Só mesmo o discurso mágico, de uma abstração única, para transfigurar a violência imperdoável em contexto bem resolvido, pacífico e sem revanche, como se aí estivesse a alma, o grande segredo da espiritualidade brasileira, que atrai tantos turistas.

— Vou querer a moqueca de camarão, por favor.

Na pior análise, um roubo.

Mas estou sendo sovina. Acarajé era a especialidade do restaurante em frente. Por que alguém pediria acarajé num lugar sabendo que essa é a especialidade do concorrente logo ao lado? De injusto, basta o passado.

— Isso, a moqueca —, reafirmo ao garçom.

Logo via que o mar estava para peixe, mulheres para todo lado. Quatro francesas sentaram-se na mesa à minha frente, logo abaixo no campo de visão. A moqueca tinha um gosto

terrível de fundo de mar, muito coentro, especialidade na Índia e aqui. Moqueca em São Paulo não iria bem com isso, melhor a salsinha, que é parecida, afinal. Comi só metade do prato, mas a cerveja bebi inteirinha, que nunca deixei bebida pela metade até onde eu me lembre.

— *Bonjour* — ousei dizer, puxando papo.

Ali estava uma boa chance para botar à prova um semestre de Aliança Francesa.

— *Bonjour!* Quanta simpatia —, responde uma delas.

Mulheres de Paris. Uma delas, fotógrafa da Reuters, uns trinta ou quase quarenta anos, sorrindo mais do que as outras para mim. Coisas do ofício, eu trabalho em jornal de economia lá em São Paulo e, quem sabe, um dia, vai que trabalhamos juntos. A mais bonita estava sentada diante dela. As outras duas não falavam muito.

— Estamos de férias, sim. Viemos fazer um passeio pelo Nordeste, até Natal, no Rio Grande do Norte.

Eu só queria passar um mês bem longe da rotina sufocante de São Paulo, de férias, mas um pouco diferente delas, que tinham uns três meses livres. Passou um menino oferecendo muamba e logo comprei um colar. A fotógrafa ficou surpresa com minha naturalidade, elas não devem ter esse tipo de situação na França. Levantei cortesmente e pus o colar na moça mais bonita, para indicar qual delas eu preferia, machista como um huno. Pedimos para o garçom descer umas cachacas e mais cerveja. Era fantástica a perspectiva de um mês realmente promissor em matéria de mulher. Até que veio outro

menino querendo vender maconha para nós. Olhei para as moças, que consentiram, e me sujeitei a comprar. O problema é que eu só tinha cartão.

— Paga um jantar para mim ali, ó, tio. É doze real.

Dali até à esquina, foram quinze minutos andando, ida e volta. Quando voltei, elas já não estavam mais na ladeira. Só Deus, que é essa voz, poderia entender a profundidade da minha decepção ao perceber que as tinha perdido de vista. “Você veio aqui para largar os vícios.” Sim, para largar os vícios, claro. O maço de cigarros já estava acabando. Bêbado. E um pacotinho de guardanapo de seda todo amassado no bolso, sem nada dentro, para piorar. Era engabelação do saci.

A rua, vazia. Os garçons já estavam recolhendo as mesas e cadeiras dos restaurantes, que já iam fechar. Que merda eu tinha feito? Na melhor hipótese, teria me esgueirado no rolê das parisienses até que uma delas me convidasse para o hostel onde estavam. Beberíamos mais cervejas, eu me aproximaria da moça a quem dei o colar e, pronto, ponte aérea num canto do hostel. Mas não. Assim na bebida como nos jogos, o vício é perder. Botar tudo a perder. Dizer isso, assim, pode parecer careta e covarde, mas é pura verdade. O que não significa que eu me arrependeria de ter a maconha no pacotinho – ainda que as francesas tivessem fugido de mim como o diabo da cruz. Caminhei emputecido e decepcionado comigo mesmo até chegar de volta à primeira esquina, onde um táxi parou do meu lado e disse que era melhor não arriscar ficar andando sozinho pelo Pelourinho depois da meia-noite, porque isso podia ser muito perigoso.

— Quanto, até o hostel?

— Faço por dez.

O Galinha de Angola tinha uma francesa na gerência. Seu marido, um baiano, era o dono. Tratava-se de uma casa antiga, estreita e longa, com três andares e uma varanda no fundo. Entrei e fui direto para lá, na área de fumantes, pegando mais uma lata no caminho, que abri. Avistei o bongô de segunda mão e dois músicos com violão e flauta ensaiando umas notas. Juntei-me a eles e logo comecei a mandar brasa na percussão. A pequena moça sentada na mesa ao meu lado vinha do Chile e se chamava Soledad. Depois chegaram mais dois hóspedes e a gerente também veio, muito esbelta, o corpo delineado no vestidinho. Os dois turistas vinham de Belo Horizonte. O cara era um músico mineiro, careca, baixo e desalinhado, pianista, e ela uma francesa chamada Aimée. Altiva. Não dava para saber se estavam juntos. Saí um pouco trôpego para pegar mais cerveja e a chilena veio atrás. Subimos as escadas para dar uns amassos no fim da escadaria no terceiro andar.

Não dava para fazer muita coisa ali porque tinha gente indo e vindo toda hora, então descemos pouco tempo depois. Aimée cruzou nosso caminho, no sopé da escada, lançando-me um olhar cintilante. Fitou-me por um instante e pensei, na hora, “merda, peguei a mulher errada”. Eu tinha mesmo que conhecer a língua francesa, tudo conspirava para isso. Dali em diante foi resistir na varanda, tocando um pouco de violão (o

Ventania que aprendi nos primeiros tragos) até o nascer do sol. Por sorte, Soledad ia embora no primeiro ônibus do dia.

— Como se diz “é tarde demais” em francês? —, perguntei à Aimée.

— *Il est trop tard*, ela respondeu.

— *Il est trop tard*, eu lhe disse.

— *Il n'est jamais trop tard* —, ela replicou, explicando para minha alegria que isso queria dizer o contrário, que nunca é tarde demais.

Eu estava feito. Podia ter acabado de trocar uma conversa com as quatro francesas no Pelourinho por um embuste, mas veja só como o destino apresentava-se generoso. Uns amassos com a chilena, e agora esse consentimento: nunca é tarde! Eu não percebia aí nenhum indício. *Il n'est jamais trop tard*.

EDITORA
www.editorapenalux.com.br
penaluxeditora@gmail.com

Livros iluminam

Este livro foi composto em Minion Pro, Sabon Next LT, Times New Roman & Dante MT Std pela Editora Penalux e impresso em papel off-white 80 g/m², em outubro de 2023.
